EDIFÍCIOS TEATRAIS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE TIPOLÓGICA DOS TEATROS REMANESCENTES DO SÉCULO XIX

THEATER BUILDINGS IN THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL: TYPOLOGICAL ANALYSIS OF THE REMAINING THEATERS FROM THE 19TH CENTURY

Lara de Freitas de Oliveira[1]
Régis Eduardo de Martins[2]
Vivian da Silva Paulitsch[3]

Resumo

Este artigo apresenta a análise tipológica de sete teatros remanescentes do Rio Grande do Sul a partir de pesquisas bibliográficas, documentais e fotográficas dos edifícios selecionados, com foco no século XIX, período considerado o ápice desse tipo de edificação no Estado. A pesquisa tem como um de seus principais objetivos a salvaguarda desses edifícios, buscando promover, por meio do estudo e da produção acadêmica, a conservação desses patrimônios e a conscientização dos órgãos responsáveis sobre sua importância histórica e cultural. Este estudo concentrou-se nos aspectos tipológicos e na relação entre forma e função, visando compreendê-los a partir de suas características arquitetônicas.

Palavras-chave: Arquitetura teatral; Análise tipológica; Preservação; Conservação.

1 Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) . Especialista em Patrimônio Arquitetônico e Urbano pela Unyleya. Bacharel em Artes Visuais pela FURG e Tecnóloga em Conservação e Restauro pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) . Atualmente atua como tutora no curso de Especialização em Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Desenvolve pesquisas com foco em Educação Patrimonial, Conservação Preventiva e História da Arte.

2 Doutor em Interdisciplinar de Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) . Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF) . Atualmente é Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), campus Ouro Preto . Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil, atuando principalmente nos temas: arquitetura, urbanismo, patrimônio cultural, cinema e história regional.

3 Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) . Mestre e Graduada em História pela mesma instituição . Atualmente é Professora Associada na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), com atuação docente e de pesquisa nos Programas de Pós-Graduação em História e em Patrimônio Cultural . Tem experiência nas áreas de História da Arte, Patrimônio Cultural e Teoria e Crítica da Arte, pesquisando principalmente arquitetura, colecionismo e trajetórias de artistas.

ABSTRACT

This article presents a typological analysis of seven remaining theaters in the state of Rio Grande do Sul, based on bibliographic, documentary, and photographic research of the selected buildings, with a focus on the 19th century, a period considered the peak of this type of architecture in the state. One of the main objectives of the research is the safeguarding of these buildings, aiming to promote, through study and academic production, the conservation of these heritage sites and raise awareness among responsible authorities about their historical and cultural significance. This study focused on typological aspects and the relationship between form and function, aiming to understand them through their architectural characteristics.

Keywords: *Theater architecture; Typological analysis; Preservation; Conservation.*

INTRODUÇÃO

Este artigo investiga a arquitetura teatral no Rio Grande do Sul, com foco nos teatros[4] inaugurados no século XIX, período de maior efervescência na construção de espaços teatrais no estado. O objetivo é analisar as características formais e funcionais desses edifícios, preservados até os dias de hoje, examinando como mantiveram sua tipologia e uso original ao longo do tempo. A pesquisa busca, portanto, preencher a lacuna acadêmica quanto à arquitetura teatral gaúcha, um tema ainda pouco explorado na historiografia cultural e arquitetônica regional.

O estudo concentra-se principalmente na análise tipológica, a qual está ligada à pesquisa histórica dos teatros selecionados, sem aprofundar questões construtivas específicas neste caso. A metodologia envolve a revisão de literatura e documentação histórica sobre a arquitetura e a prática teatral gaúcha, complementada pela análise de registros fotográficos que permitem propor uma forma de classificação das tipologias de palco e plateia e também das fachadas, pois compreendeu-se que esses três elementos são cruciais para a compreensão desse tipo de arquitetura.

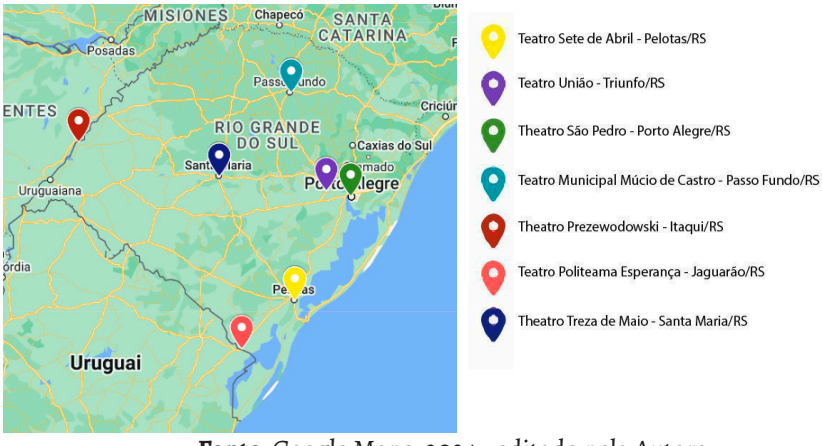
Foram identificados sete teatros que atendem aos critérios de seleção: construídos no século XIX e em atividade até 2023 como espaços de espetáculo. Essa seleção facilita a compreensão das práticas arquitetônicas teatrais que moldaram o patrimônio cultural do estado. São esses: a) Teatro Sete de Abril, na cidade de Pelotas, datado de 1834 e tombado pelo IPHAN[5]

4 A diferença entre as palavras "theatro" e "teatro" merece consideração. Gramaticalmente, na língua portuguesa, o termo correto na época da inauguração dos espaços era "theatro", enquanto atualmente o correto é usar "teatro", sem o "h". No entanto, optou-se por utilizar nos nomes dos locais a grafia com que os próprios locais se identificam e são referidos, para que a pesquisa seja facilmente encontrada e mantenha o padrão de nomenclatura da comunidade envolvida.

5 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

em 1961; b) Teatro União, na cidade de Triunfo e datado de 1848; c) Theatro São Pedro, localizado na cidade de Porto Alegre com construção iniciada em 1833 e inauguração em 1858, tombado pelo IPHAE em 1978; d) Teatro Múcio de Castro, na cidade de Passo Fundo, inaugurado em 1883; e) Theatro Prezewodowski, localizado em Itaqui, inaugurado em 1886 e tombado pelo IPHAE[6] em 1982; f) Teatro Politeama Esperança, na cidade de Jaguarão, datado de 1887, tombado pelo IPHAE em 1990; e g) Theatro Treze de Maio, localizado na cidade de Santa Maria com construção datada de 1889 e inaugurado em 1890, tombado pelo município em 2014.

Figura 1 e 2 - À esquerda Mapa do Rio Grande do Sul atualmente com a marcação da localização dos teatros e à direita Legenda dos teatros apresentados no mapa.



Fonte: Google Maps, 2024 - editado pela Autora.

Ademais, a pesquisa busca destacar o papel desses teatros na cena cultural contemporânea, onde continuam a ser ocupados e utilizados por companhias teatrais em várias cidades do estado. A documentação desses espaços não apenas amplia o entendimento sobre a evolução da arquitetura teatral no Rio Grande do Sul, mas também fornece subsídios técnicos e teóricos para futuras intervenções de conservação e restauração. Assim, ao estudar e documentar os teatros remanescentes, o artigo visa contribuir para a construção de um acervo que serve como referência fundamental para pesquisadores e autoridades dedicadas à preservação do patrimônio cultural.

6 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual, nesse caso, do Rio Grande do Sul.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEATRO NO SÉCULO XIX NO RIO GRANDE DO SUL

A evolução das edificações teatrais no Rio Grande do Sul durante o século XIX reflete transformações sociais significativas, como a industrialização, a imigração e a abolição da escravatura. Essas mudanças impactaram o teatro, inicialmente elitista, que progressivamente abriu suas portas para um público mais amplo. No início desse século, teatros como o Sete de Abril, em Pelotas, e o Sete de Setembro, em Rio Grande, eram frequentados majoritariamente pela elite local, refletindo uma organização espacial que limitava o acesso das classes populares. Contudo, construções como o Theatro São Pedro, em Porto Alegre, já incluíam galerias acessíveis, sinalizando uma mudança gradual na estrutura social do público teatral (Lima, 2005).

A segunda metade do século XIX viu uma ampliação do acesso aos teatros para as classes menos favorecidas. Segundo Bittencourt (2001), esses espaços tornaram-se centrais para a educação e formação da sociedade, ajudando a promover um senso de conexão entre as comunidades. Com meios de comunicação limitados, o teatro aproximava as cidades gaúchas da modernidade europeia, oferecendo lazer e instrução simultaneamente.

Nesse contexto, a elite emergente investiu na construção de teatros como símbolo de progresso e civilização, adotando padrões inspirados na importação de modelos teatrais internacionais. Frequentar o teatro tornou-se um ato de prestígio e bom gosto, essencial para a distinção social. Contudo, à medida que o público popular se tornava cada vez mais presente, os teatros adaptaram suas estruturas e espetáculos para incluir temas de entretenimento e humor, proporcionando uma alternativa ao trabalho diário e abrindo caminho para uma cultura teatral mais inclusiva e acessível. Assim, o fazer teatral e sua arquitetura evoluíram para atender a uma nova demanda de diversão e lazer para as camadas populares do Rio Grande do Sul.

2 METODOLOGIA DA ANÁLISE ARQUITETÔNICA TEATRAL

Tendo a compreensão da importância da forma arquitetônica para a compreensão de uma época, entendeu-se que, para a análise da arquitetura teatral, é fundamental estudar a relação dos palcos e plateias, considerando a interação cênica entre atores e público. Danckwardt (2001) estudou essa relação no edifício teatral, demonstrando como o resultado arquitetônico reflete um modo de fazer cênico específico e vice-versa. Para a análise das edificações teatrais, discutiram-se as tipologias com base na relação entre palco e plateia e na análise das fachadas, classificando-se os sete teatros se-

lecionados como representativos da arquitetura teatral gaúcha do período. Para isso, conduziu-se uma análise e classificação a partir das plantas dos teatros, examinando o palco, a plateia e a interação desses espaços com os espectadores, compreendendo os reflexos dessa interação na forma arquitetônica.

O anfiteatro é um teatro duplo de planta elíptica, cercado por todos os lados por arquibancadas para os espectadores e, em muitos casos, a céu aberto ou com coberturas móveis ou parciais. O espetáculo acontece na parte central, denominada arena, abaixo da qual existem numerosos corredores, câmaras e escotilhas para auxiliar nos efeitos das apresentações ou para a saída de feras, gladiadores e atores (Pereira, 2010).

Danckwardt (2001) traça a evolução da arquitetura teatral desde antes de Roma e Grécia até o século XX, mas não apresenta uma classificação específica das tipologias. Martins e Tamanini (2005), entretanto, definem três principais tipologias de teatros no Brasil do século XIX: teatro de arena, elisabetano e italiano, nomenclatura também empregada em outros estudos, apesar da escassez de trabalhos sobre essa classificação. Os autores, analisam as tipologias mais comuns no Brasil no século XIX a partir das plantas dos teatros[7] e da relação entre palco e plateia, atores e audiência.

O teatro de arena tem o palco situado no meio da platéia. Neste tipo, a plateia é disposta em praticamente todos os lados ou em toda a circunferência do palco. Todos palcos circulares consequentemente serão classificados como de arena, todavia, neste tipo, os palcos ainda podem ser de formatos diferenciados, desde que, estes possuam em todo seu entorno área de plateia. Este tipo apresenta sete variantes, sendo essas: circular, semi-circular, quadrado, 3/4 de círculo, defasado, triangular e ovalado.

Já o teatro elisabetano é caracterizado por um palco que se projeta para a plateia, estendendo-se ao proscênio. O acabamento pode ser retangular, circular ou misto, nomeando as três variantes desse tipo. O público circunda três lados do palco, na maioria das vezes não há presença da boca de cena e de caixa cênica, ficando toda a estrutura da área de cena à vista do espectador, sendo muito utilizado, então, cenários variados, efeitos de iluminação e outros recursos técnicos e operacionais.

A terceira tipologia apresentada é o teatro italiano, o mais popular no Brasil, caracteriza-se pela frontalidade com que a plateia assiste ao palco. O palco é um espaço retangular fechado nos três lados com um quarto lado que fica visível ao público. Nas variantes apresentadas é considerado o

7 As imagens, tipos e variantes apresentadas por eles foram desenvolvidas inicialmente pela Funarte em 2004.

palco e a plateia, mas também a boca de cena. Portanto, são essas: retangular, semicircular, ferradura ou misto. É muito presente neste tipo a existência de cortinas que delimitam a boca de cena do palco, a qual fica à frente das cortinas, e a presença de coxias, local em que os atores e atrizes podem se esconder do público.

Ambas fontes analisadas afirmam que com o passar do século XX, novos tipos se tornam difíceis de definir, devido à ausência de elementos comuns, esse entendimento evidencia a influência da sociedade na formação urbana e nas tipologias arquitetônicas.

Apesar da Funarte (2004) associar o proscênio arqueado à variante ferradura, neste estudo, a forma do proscênio não foi considerada essencial para a classificação dos teatros. O foco principal da análise foi a relação entre plateia e palco, elemento-chave para diferenciar as tipologias teatrais. Ressalta-se que o único teatro que não possui um proscênio reto é o Teatro Múcio de Castro, cujo proscênio é levemente arqueado, mas sem configurar um arco completo, caracterizando-se ainda como italiano.

As variantes predominantes identificadas foram as de planta retangular e ferradura, segundo a análise de fotografias históricas e recentes dos teatros, observando-se que essas disposições têm sido preservadas ao longo dos anos, assim como as fachadas estudadas. A maioria dos teatros remanescentes data da segunda metade do século XIX, o que sugere que essas configurações arquitetônicas estavam alinhadas com as preferências estéticas e funcionais do público e com as necessidades das artes cênicas do período. Além disso, a análise da arquitetura teatral permitiu identificar uma classificação específica de tipologias dos objetos de estudo, relacionando-as às distintas configurações de palco e plateia.

A comparação entre registros fotográficos antigos e atuais possibilitou uma verificação da continuidade das tipologias, indicando que elas mantêm sua relevância e funcionalidade para a apreciação teatral até os dias atuais. O mesmo foi identificado nas fachadas, investigando se essas possuíam um padrão específico da arquitetura teatral ou não.

Portanto, em relação às fachadas, identificou-se que a arquitetura teatral não possui um estilo ou tipologia específica de fachada, apropriando-se de outros tipos ou elementos desses tipos em suas construções, especialmente através da ornamentação. Os ornamentos desempenham diversas funções na arquitetura. A disseminação desses ornamentos ocorreu principalmente por meio de guias, enciclopédias e manuais de estilo, que apresentavam uma variedade de padrões ornamentais e categorias de motivos, como o vegetal, o geométrico e o figurativo.

Em suma, a disseminação dos ornamentos impressos democrati-

zou as práticas decorativas ao longo do século XIX e início do século XX, ampliando seu uso para diferentes grupos sociais e contribuindo para a diversificação da arquitetura eclética no Brasil. Por isso, os ornatos e sua compreensão também são de grande referência, muitas vezes indicando o local para a população, dado que, antes era necessário que a arquitetura expressasse o local que representava. Fabris (1993), discorre ainda que uma das questões fundamentais do ecletismo é

> "[...] a da representação, a da teatralização da vida. Não é por acaso que sua manifestação mais importante se concentra na fachada. A idéia dominante do século XIX é de que a arquitetura deve ser representativa, de que deve evidenciar através da forma exterior e da estrutura o status de seu ocupante, seja ele o Estado, seja ele o indivíduo particular. E por isso que a decoração se torna um elemento indispensável a ser usado em larga escala, que se multiplica a função ilusionista dos materiais, que o erudito e o pitoresco se mesclam: é necessário sublinhar o caráter de obra de arte total inerente à cidade e nada é mais adequado do que pontilho-Ia de monumentos[...]" (Fabris, 1993, p.134)

A partir da análise das fachadas e do contexto histórico das edificações, classificou-se a maioria como eclética, sendo o Theatro São Pedro o único exemplo identificado como neoclássico. A utilização da nomenclatura «eclética» está em consonância com as pesquisas contemporâneas sobre a arquitetura brasileira do período, compreendendo-se que essas edificações teatrais, por não apresentarem um estilo específico, incorporaram elementos associados a outras tipologias arquitetônicas. Essa característica reflete as práticas arquitetônicas da época em que foram construídas, majoritariamente na segunda metade do século XIX. Ressalta-se, ainda, a importância de considerar os espaços teatrais não apenas no contexto de sua inauguração, mas também ao longo de sua evolução histórica, valorizando a trajetória singular de cada edificação.

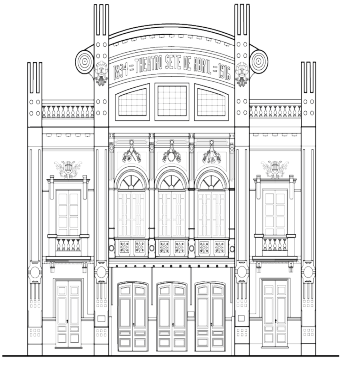
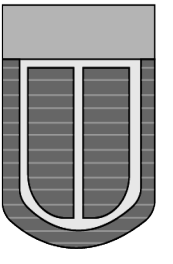
Enquanto algumas dessas edificações contam com uma vasta produção acadêmica dedicada exclusivamente a elas, outras ainda carecem de estudos mais aprofundados. Contudo, não foram identificadas pesquisas que abordem essas construções como parte de um circuito cênico integrado, perspectiva que se revela essencial para a sua preservação.

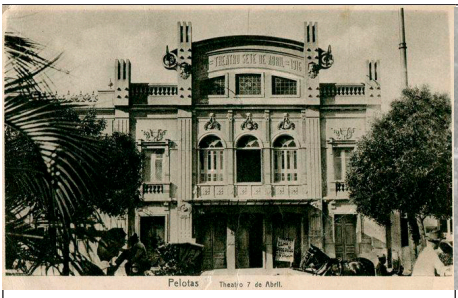
A documentação apresentada neste estudo busca contribuir para o registro da história da arquitetura teatral no Rio Grande do Sul e, de forma mais ampla, no contexto nacional. Ao evidenciar semelhanças entre os teatros analisados e outras edificações brasileiras, pretende-se expandir

a análise para além das fronteiras estaduais, alcançando uma perspectiva comparativa que inclua contextos internacionais.

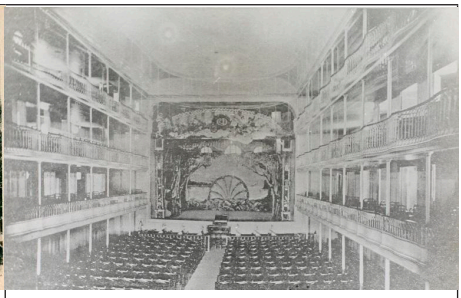
3 CASOS EM ESTUDO

Diante disso, as edificações teatrais selecionadas foram analisadas e classificadas seguindo as variantes da Funarte (2004) apresentadas por Martins e Tamanini (2005). Esta abordagem foi complementada por desenhos que simulam as plantas dos sete teatros estudados, proporcionando uma representação esquemática das disposições internas. Assim como, foram realizados desenhos das fachadas para que essas pudessem ser analisadas a partir da ornamentação e assim, classificadas. Buscou-se as imagens mais antigas das fachadas e interiores, visando que os desenhos representassem as edificações na época de sua inauguração. Para representação das análises foram elaboradas uma ficha técnica para cada teatro, a qual inclui a representação da fachada, o desenho da planta com ênfase na relação entre palco e plateia, e imagens fotográficas dos respectivos espaços. Após a apresentação de cada ficha, procede-se com uma análise descritiva detalhada das fachadas. Cabe ressaltar que os teatros estão apresentados em ordem cronológica, de acordo com o ano de sua inauguração.

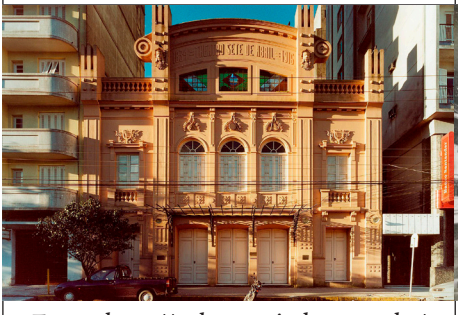
Ficha de Análise Arquitetônica	**01/07**
Teatro Sete de Abril - Pelotas/RS - 1834	
Fachada	**Planta de palco e plateia**
	
Tipologia: Eclético	**Tipo: Italiano - Variante: Ferradura**



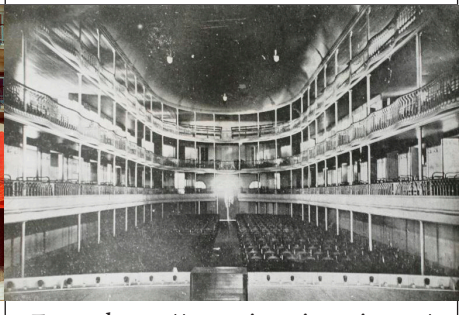
Fonte: Arquivo Nacional



Fonte: https://www.rbsdirect.com.br/imagesrc/35730623.jpg?w=700&rv=2-10-05&safari&format=webp



Fonte: http://soleassociados.com.br/projetos/theatro-sete-de-abril/



Fonte: https://www.ipatrimonio.org/pelotas-teatro-sete-de-abril/#!/map=38329&l oc=-31.769015999999997,-52.340979999999995,17

O Teatro Sete de Abril passou por severas alterações em sua fachada ao longo do tempo. Com base no trabalho de Fonseca (2014), compreende-se que, inicialmente, a fachada do teatro era neoclássica. No entanto, ao longo das épocas e das mudanças de gosto, este teatro foi o que mais sofreu modificações entre os objetos de estudo analisados. No desenho e, consequentemente, na fachada analisada, o teatro já havia passado por intervenções, especialmente pela incorporação de ornamentos que remetem a outros estilos, como o Art Déco e o Art Nouveau, o que condizia com o gosto da época em que as intervenções ocorreram, por volta de 1916, segundo Fonseca (2014).

Assim, a fachada do teatro se assemelha mais a que ele possui nos dias atuais e está de acordo com o período em que o ecletismo chegava ao Brasil e, consequentemente, ao Rio Grande do Sul. Sendo assim, o teatro é classificado como eclético.

O teatro apresenta uma fachada tripartida, pois possui pilares que delimitam verticalmente essa divisão. Horizontalmente ele é composto por

base, corpo e coroamento, distribuídos em dois andares. Possui igualmente dois ressaltos laterais e simetria bilateral na fachada. A tríade central de elementos da fachada é caracterizada por um frontão em arco abatido com cimalha, terminando em volutas. Ornamentos adicionais incluem dentículos na parte superior, além da inscrição no tímpano "1843 - THEATRO SETE DE ABRIL - 1916" acompanhada por três janelas com moldura simples abaixo que acompanham o formato do frontão.

Os ressaltos laterais são separados do centro por pilastras ornamentadas, que percorrem toda a altura da edificação e são decorados com elementos circulares, quadrados e retangulares. Adicionalmente, ao lado do nome da edificação, encontram-se mascarões em cada extremidade. A edificação apresenta ainda ático com balaústres torneados, tendo dois pilares em cada extremidade decorados de forma semelhante, mas sem os mascarões. Ornamentos em dentículos são dispostos abaixo do ático.

Cada ressalto lateral possui uma janela-sacada com guarda-corpo contendo balaústres torneados e um pedestal em cada lado. A janela-sacada é adornada com dois consolos em cada extremidade inferior, enquanto a esquadria possui verga reta com acabamento em frisos. Elementos fitomórficos, incluindo uma lira ao centro, decoram a parte superior, remetendo à arte.

O centro do corpo apresenta três janelas, cada uma com duas folhas almofadadas e elementos geométricos retangulares. Estas janelas possuem verga reta e bandeira em leque, a qual é definida por subdivisões geralmente em madeira ou ferro, formando arcos de círculo com o mesmo ângulo. A parte superior possui elementos inferiores reminiscentes de quadrifólios pontiagudos com círculos. Na sobreverga há elementos fitomórficos, além de um instrumento musical, possivelmente um violino, um tarol e um alaúde, dispostos da esquerda para a direita.

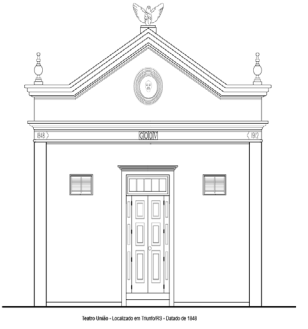
A base é composta por portas de verga reta nos ressaltos, com duas folhas almofadadas e uma moldura simples de frisos. No centro, há três portas com duas folhas almofadadas, cobertura em ferro e verga levemente arqueada. Os vãos em geral apresentam cercadura, comumente denominada guarnição em portas e janelas, consistindo em uma moldura simples de frisos.

Em geral, como mencionado, algumas alegorias da fachada remetem à arte deco, como elementos circulares, quadrados e retangulares, formas mais retilíneas e a Art Nouveau, adicionados posteriormente à construção original do teatro, conforme documentado por Fonseca (2014).

Ficha de Análise Arquitetônica	02/07

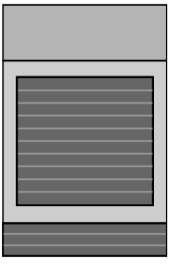
Teatro União[8] - Triunfo/RS - 1848

Fachada



Tipologia: Eclético

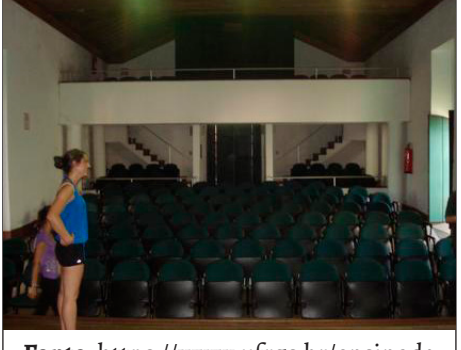
Planta de palco e plateia



Tipo: Italiano - Variante: Retangular

Fonte: https://www.triunfo.rs.gov.br/turismo/view/5/teatro-uniao

Fonte: https://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/cidades/triunfo.html



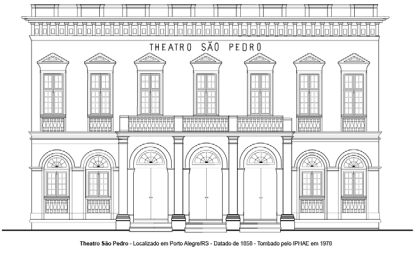
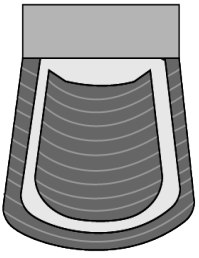
Fonte: https://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/cidades/triunfo.html

8 Não foram encontradas imagens do interior do teatro antigamente.

O Teatro União, localizado na cidade de Triunfo, é uma exceção dentro da arquitetura dos objetos analisados, assim como a própria cidade, a qual até hoje mantém muitas edificações e elementos do período luso-brasileiro. Dessa forma, ao realizar a leitura da fachada, compreendeu-se esse contexto em que o teatro está inserido, assim como sua época de inauguração, visando classificá-lo mais coerentemente dentro da metodologia adotada nesta pesquisa, portanto, apesar de sua ornamentação remeter diretamente à outra tipologia, pelo seu contexto histórico entende-se que sua fachada é eclética.

Ademais, o teatro possui um pavimento com telhado em duas águas. Fachada simétrica simples, com duas pilastras posicionadas nas extremidades do edifício, uma porta centralizada de duas folhas almofadadas e uma bandeira envidraçada. Adicionalmente, apresenta uma verga reta e uma moldura de estilo simplificado.

O coroamento do edifício é delineado por um frontão triangular, finalizado por uma platibanda. A separação entre o corpo principal e o coroamento é marcada por frisos, formando uma faixa onde, à esquerda, está gravada a data 1848 e à direita, 1912. No centro, há algumas letras, possivelmente "GOOV". Cada extremidade do coroamento possui uma compoteira ornamental composta de elementos torneados, enquanto acima do frontão, no centro, encontra-se uma ave, possivelmente uma águia. No tímpano do frontão, observam-se elementos circulares, no qual se destaca uma máscara simples. Por fim, em cada lado da porta central, são visíveis pequenas janelas venezianas. Além disso, é perceptível a presença de elementos da tipologia luso-brasileira através da presença de vãos e vazios, assim como da simplicidade de elementos que compõem a fachada.

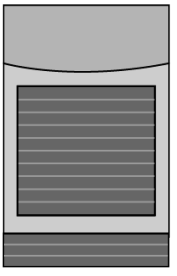
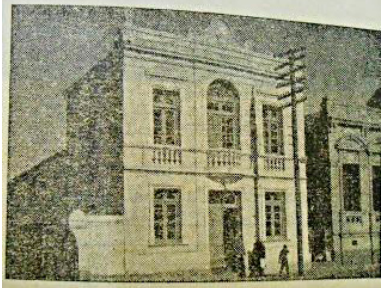
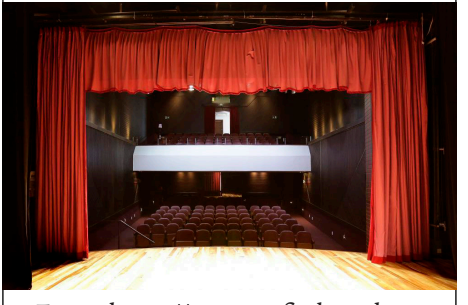
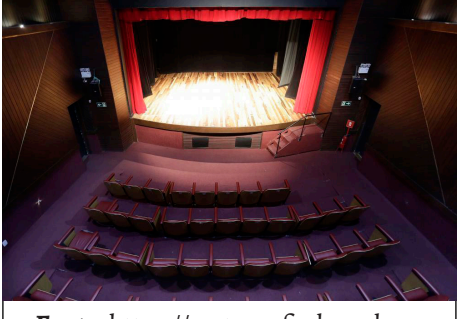
Ficha de Análise Arquitetônica	**03/07**
Theatro São Pedro - Porto Alegre/RS - 1858	
Fachada  Theatro São Pedro - Localizado em Porto Alegre/RS - Datado de 1858 - Tombado pelo IPHAE em 1970 **Tipologia:** Neoclássico	**Planta de palco e plateia**  **Tipo:** Italiano - Variante: Ferradura
 Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Theatro_S%C3%A3o_Pedro_(Porto_Alegre)#/media/Ficheiro:TSPedro-PortoAlegre.jpg	 **Fonte**: Leandro Rodrigues
 Fonte: http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=16116	 **Fonte**: https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/espetaculos/noticia/2018/06/como-o-theatro-sao-pedro-sobreviveu-a-160-anos-de-historia-no-rio-grande-do-sul-cjioyonkw0idf01q0ogsdnzkp.html

O Teatro São Pedro foi inaugurado em 1858, no entanto, seu projeto foi elaborado em 1833, época em que o neoclássico era o gosto predominante no estado. Ademais, sofreu poucas alterações ao longo do tempo. Portanto, compreende-se que, devido à época de elaboração do projeto, o qual não se modificou apesar da demora em oficialmente inaugurá-lo, e aos ornamentos e à forma da fachada, o teatro ainda é classificado como neoclássico, não se enquadrando no ecletismo.

O teatro apresenta uma estrutura composta por base, corpo e coroamento, distribuídos em dois andares, com uma fachada bilateralmente simétrica. O coroamento é um ático simples, ornamentada com elementos reticulares e frisos. O corpo do edifício no segundo pavimento exibe sete janelas com vergas retas, acompanhadas por sobrevergas triangulares decorados com frisos. As três janelas centrais são destacadas por um balcão corrido, apoiado em quatro colunas com capitéis ornamentados apenas com frisos e uma base ática. As demais janelas possuem balcões entalhados, também decorados com balaústres torneados.

Uma faixa decorada com frisos divide a base e o corpo da estrutura. A base é caracterizada por duas portas em cada lateral e três portas principais ao centro, todas com patamares de acesso, que consistem em degraus que conduzem a cada entrada. Todas as portas são adornadas com bandeiras em formato de leque. Além disso, as duas janelas em cada lado também possuem balcões entalhados, com balaústres semelhantes aos do corpo do edifício. Em geral, todas as esquadrias são compostas por duas folhas envidraçadas.

A edificação possui um porte-cochère que remete ao partido neoclássico. Atualmente, as portas centrais foram substituídas por portas de vidro, instaladas posteriormente na estrutura, mantendo, contudo, o formato original do vão.

Ficha de Análise Arquitetônica	**04/07**
Teatro Múcio de Castro - Passo Fundo/RS[9] - 1883	
Fachada **Tipologia:** Eclético	**Planta de palco e plateia**  **Tipo:** Italiano - Variante: Retangular
 **Fonte:** https://www.triunfo.rs.gov.br/turismo/view/5/teatro-uniao	 **Fonte:** https://cartografiadospalcos.com.br/espaco_teatro-municipal-mucio-de-castro_1312#espaco
 Fonte: http://soleassociados.com.br/projetos/theatro-sete-de-abril/	 **Fonte:** https://cartografiadospalcos.com.br/espaco_teatro-municipal-mucio-de-castro_1312#espaco

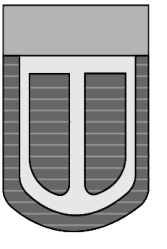
9 Não foram encontradas imagens do interior do teatro antigamente.

O teatro é estruturado em base, corpo e coroamento, dispostos em dois andares, e apresenta simetria bilateral em sua fachada. O coroamento é destacado por um frontão central, localizado acima da janela principal, possuindo um formato singular ornamentado com frisos e uma estrela no tímpano. Adicionalmente, em cada extremidade do coroamento, encontram-se dois ornatos similares a compoteiras. Adicionalmente, a separação entre o coroamento e o corpo da edificação é marcada por frisos.

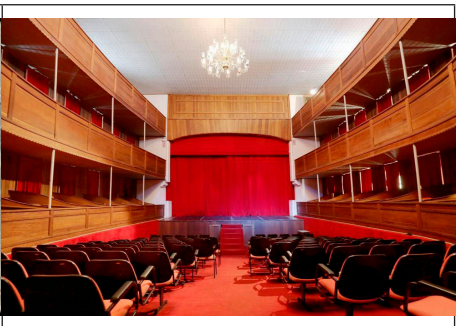
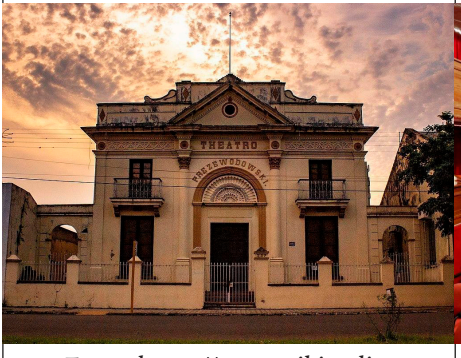
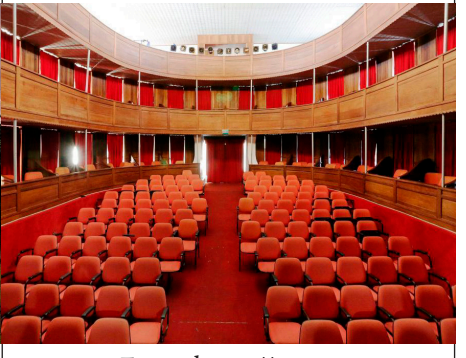
O corpo do edifício possui duas janelas, uma em cada lado, ambas com balcões entalhados e balaústres torneados, compostas por duas folhas de vidro, bandeira retangular envidraçada e verga reta, encimados por frisos na parte superior. A janela central é composta por duas folhas de vidro, bandeira retangular envidraçada e bandeira em formato de leque. Adicionalmente, apresenta um púlpito composto por balaústres, apoiado em elementos fitomórficos que imitam folhas.

A base da edificação é separada do corpo por frisos e possui uma porta central com duas folhas, bandeira simples, todas ornamentadas com vidros, verga reta, moldura simples e um patamar de acesso. As janelas laterais da base são muito semelhantes às do corpo da edificação, compostas por duas folhas de vidro, bandeira simples e moldura ornamentada com frisos.

Por fim, quase toda a edificação possui uma cobertura de bossagem, uma técnica de imitação de pedra feita na argamassa que reveste a estrutura.

Ficha de Análise Arquitetônica	**05/07**
Theatro Prezewodowski - Itaqui/RS[10] - 1886	
Fachada Theatro Prezewodowski - Localizado em Itaqui/RS - Datado de 1886 - Tombado pelo IPHAE em 1962 **Tipologia:** Eclético	**Planta de palco e plateia**  **Tipo:** Italiano - Variante: Ferradura

10 Não foram encontradas imagens do interior do teatro antigamente.

	
Fonte: https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=257213	**Fonte:** https://www.cartografiadospalcos.com.br/espaco_theatro-prezewodowski-_1289#espaco
	
Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Teatro_Prezewodowski	**Fonte:** https://www.cartografiadospalcos.com.br/espaco_theatro-prezewodowski-_1289#espaco

O teatro é composto por base, corpo e coroamento, apresentando dois andares e dois anexos laterais com vãos em arco plenos, decorados de forma simples com alguns frisos. Os anexos são segregados do restante da fachada por pilares adornados com frisos e bossagem, mantendo a simetria bilateral.

No coroamento, destaca-se um frontão triangular, com um guarda-corpo simples ornamentado com elementos geométricos, como losangos. O tímpano do frontão possui uma abertura em forma de óculo.

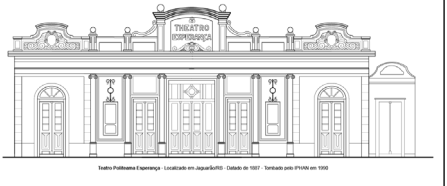
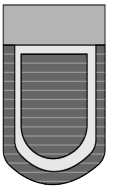
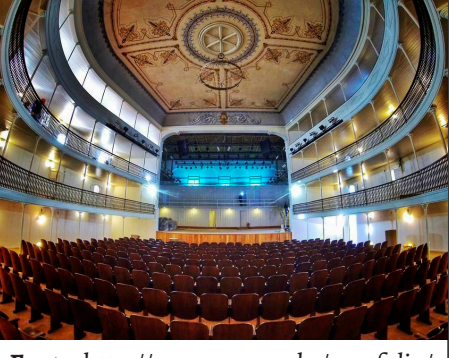
A divisão entre o coroamento e o corpo da edificação é ricamente ornamentada, com frisos, denticulados e elementos decorativos, tendo no centro a palavra "THEATRO".

O corpo do edifício possui duas janelas, uma em cada extremidade da fachada, com balcão de ferro forjado decorado e sustentado por três consolos, sendo um central mais simples e dois extremos mais elaborados. As janelas possuem duas folhas de vidro. Abaixo destas, encontram-se mais

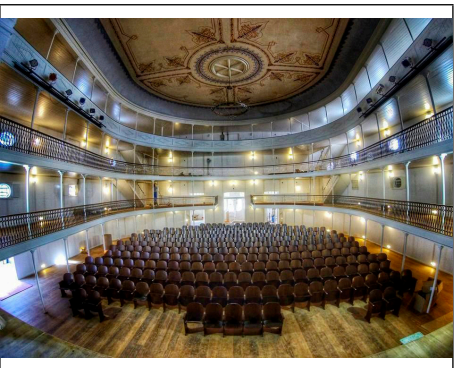
duas janelas semelhantes às superiores, com verga reta, duas folhas e acabamento em vidro.

A união entre a base e o corpo é marcada pela portada, que é dividida das laterais por pilares com capitéis coríntios. A porta principal de entrada possui duas folhas almofadadas, com bandeira também almofadada. A porta é ricamente decorada, com pilares e frisos em arco pleno, além de uma decoração de sobreporta detalhada com elementos predominantemente ovais, remetendo à cultura mourisca. Acima do arco que enquadra a porta, encontra-se o nome do teatro "PREZEWODOWSKI".

A fachada é cercada por um muro composto por oito colunas e grades de baixa estatura, sendo as colunas decoradas na parte superior por elementos triangulares com frisos.

Ficha de Análise Arquitetônica	**06/07**
Politeama Esperança - Jaguarão/RS - 1887	
Fachada	**Planta de palco e plateia**
	
Tipologia: Eclético	**Tipo:** Italiano - Variante: Ferradura
	
Fonte: https://www.ipatrimonio.org/jaguarao-teatro-politeama-esperanca/#!/map=38329&loc=-32.56440700000002,-53.378073000000015,17	**Fonte:** http://marsou.com.br/portfolio/teatro-esperanca-de-jaguarao-rs-2/

Fonte: https://eventos.unipampa.edu.br/enprocult/local/jaguarao/



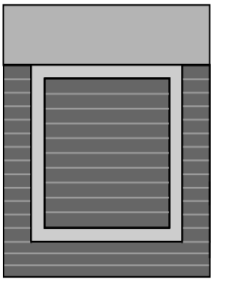
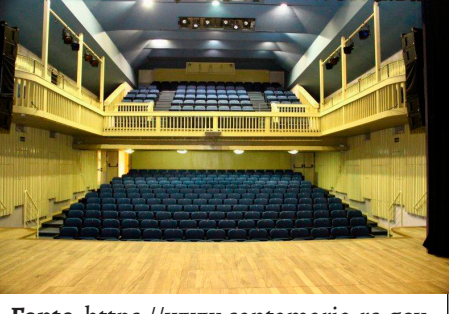
Fonte: http://marsou.com.br/portfolio/teatro-esperanca-de-jaguarao-rs-2/

O teatro é caracterizado pelo seu corpo e coroamento, exibindo simetria bilateral na fachada, à exceção do anexo lateral à extrema direita, que aparentemente foi adicionado posteriormente.

O coroamento apresenta um frontão central, além de dois laterais, e um ático decorado com meia coluna com uma esfera acima. O frontão principal possui um design ondulado, adornado com volutas em ambos os lados. Seu tímpano contém o nome do edifício, além de elementos em volutas e ornamentos orgânicos. Os frontões laterais possuem uma Cártula, um elemento oval circundado por ornamentação em volutas, possivelmente para abrigar algum motivo decorativo. A separação entre o coroamento e o corpo principal da fachada é marcada por diversas cimalhas.

O corpo do edifício possui uma porta centralizada com bandeira e vitrais, verga reta e quatro folhas ornamentadas com vidros na parte superior e almofadadas na parte inferior. À cada lado dessa porta central, a fachada apresenta mais duas portas compostas por duas folhas e sem bandeira, mas semelhantes à porta principal com moldura simples. Ao lado dessas portas, encontram-se pequenas janelas retangulares com moldura simples, encimadas por luminárias de ferro fundido. Abaixo dos frontões laterais, há duas portas semelhantes às mencionadas anteriormente, porém com bandeira em formato de leque e presença de moldura. Por consequinte, a fachada possui seis pilastras com capitéis jônicos.

Conforme mencionado, na extremidade à direita da fachada, há um anexo com uma porta de duas folhas, verga reta, encimada por frisos e um frontão simples. Alguns detalhes da fachada apresentam bossagem, uma imitação de pedra. Por fim, toda a fachada é adornada com um entablamento imitando pedra, que se repete nas pilastras.

Ficha de Análise Arquitetônica	07/07
Theatro Treze de Maio - Santa Maria/RS - 1890	
Fachada **Tipologia:** Eclético	**Planta de palco e plateia**  **Tipo:** Italiano - Variante: Ferradura
  Fonte: http://cinemania66.blogspot.com/2012/07/teatro-treze-da-maio-santa-mariars.html	 **Fonte:** https://www.apontador.com.br/local/rs/santa_maria/arte_e_cultura/C4162200412652656/theatro_treze_de_maio.html
 Fonte: https://cartografiadospalcos.com.br/espaco_theatro-treze-de-maio_1287#espaco	 **Fonte:** https://www.santamaria.rs.gov.br/cultura/553-theatro-treze-de-maio

O teatro, assim como o Sete de Abril, possui uma fachada tripartida. Ademais é constituído por base, corpo e coroamento, distribuídos em dois andares e apresentando simetria bilateral na fachada.

O coroamento é simples, composto por um frontão central triangular, adornado com cornijas, onde o nome do teatro está inscrito no tímpano, e um ático que percorre toda a extensão do coroamento.

O corpo do edifício possui três janelas centrais e duas laterais, uma em cada lado da estrutura. Todas as janelas são caracterizadas por uma verga reta, bandeira ornamentada com elementos decorativos circulares e retangulares, além de frisos decorativos posicionados acima e abaixo. Na divisão das três janelas centrais, há ainda uma ornamentação elaborada em formas circulares e retangulares.

Há uma separação do corpo por uma cimalha simples e composta, apresentando no centro dois vãos com vergas em arco abatido, cada um decorado com moldura e fecho e ambos acompanhados por pequenos patamares de entrada. Em cada lateral da estrutura, encontra-se uma janela com verga reta e bandeira em formato de leque. É possível observar também quatro pilastras que dividem a fachada, a qual é inteiramente adornada com bossagem.

Apesar do formato do teatro ser retangular diferente da tipologia apresentada pelos autores Martins e Tamanini (2005), classificou-se o Theatro Treze de Maio como uma variante de ferradura. Essa decisão foi tomada pois, embora possua uma planta retangular, que difere da descrição tradicional de Martins e Tamanini (2005), a variante de ferradura incorpora galerias ou camarotes ao redor, permitindo ângulos de visão diagonais para o público. Desse modo, a classificação foi fundamentada na disposição espacial da plateia em relação ao palco. No caso do teatro em ferradura, como o teatro em questão, a presença dessas estruturas proporciona uma experiência visual mais abrangente, em comparação com a tipologia retangular, onde a plateia se posiciona exclusivamente à frente do palco, com visualização frontal direta.

CONCLUSÃO

A análise permitiu identificar detalhes reveladores sobre como os espaços teatrais foram projetados para fomentar a interação entre atores e espectadores. Os teatros analisados não se enquadram na tipologia de arena, pois não apresentam plateia ao redor do palco, nem na tipologia elisabetana, uma vez que nenhum deles possui um palco que se projeta em direção ao público. Assim, todos os teatros estudados foram categorizados como do

tipo italiano, em que a plateia é disposta frontalmente ao palco, proporcionando uma visualização direta das apresentações.

Observou-se que, devido à popularização dos teatros, nem todas as construções puderam seguir o modelo italiano tradicional com a disposição em ferradura e galerias laterais, sendo necessário realizar adaptações que comportassem maior número de espectadores. Essas modificações, ocorridas ao longo dos anos, representam não só adaptações funcionais, mas também aspectos históricos a serem preservados, pois fazem parte da memória e identidade cultural das comunidades locais. Um exemplo notável é a plateia móvel do Theatro Prezewodowski, projetada para diferentes formatos de apresentação, embora sua funcionalidade não esteja mais ativa.

De forma complementar, a análise das fachadas enfatizou a lacuna que se tem nas pesquisas da arquitetura teatral, assim como, do ecletismo. Sendo válido um aprofundamento das pesquisas nessa temática. Nota-se que no período eram utilizados ornamentos como alegorias para que a população compreende-se a função dos espaços, como o uso de liras nas decorações de fachadas.

A conservação desses teatros é essencial, pois eles constituem patrimônio cultural de valor significativo, testemunhando diferentes períodos históricos. Conforme apontado por González-Varas (1999), esses locais são testemunhos da atividade humana e, portanto, sua preservação deve envolver não apenas o bem material, mas também o registro de sua história. Nesse sentido, a produção de pesquisas acerca desses bens é de suma importância para a compreensão e preservação do patrimônio arquitetônico teatral.

Cabe ressaltar que nem todas as edificações teatrais possuem o devido tombamento, especialmente em âmbito nacional. Embora o tombamento, por si só, não garanta a conservação do bem, ele representa um instrumento legal de proteção do patrimônio histórico, conforme previsto na legislação brasileira, e pode contribuir para a preservação desses espaços. As informações reunidas neste estudo têm o intuito de subsidiar a elaboração de dossiês de tombamento, auxiliando no reconhecimento formal dessas edificações como patrimônios culturais.

Em última instância, todas essas medidas visam impedir que esses patrimônios culturais caiam no esquecimento. Conforme argumenta Rossi (2010, p. 24), "A memória [...] tem indiscutivelmente algo a ver não apenas com o passado, mas também com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência no futuro." É, portanto, essencial que esses espaços permaneçam na memória coletiva das comunidades, integrando-se à sua identidade e ao seu cotidiano, para assegurar sua preservação contínua.

REFERÊNCIAS

ARGAN, G. C. Sobre a tipologia em arquitetura. In: NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura teórica (1965-1995)*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2006. Capítulo 5, p. 267-271.

BITTENCOURT, Ezio da Rocha. Os primeiros teatros do Rio Grande do Sul (século XVIII - primeira metade do XIX). In: *XXIV Simpósio Nacional de História - ANPUH*, 2007, São Leopoldo, RS. História e Multiplicidade: territórios e deslocamentos.

_____. *Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional*. 2. ed. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

CARTOGRAFIA dos palcos. s.d. Disponível em: <https://cartografiadospalcos.com.br/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

CHING, Francis D. K. *Dicionário visual de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CONSELHO Internacional de Monumentos e Sítios. *Carta do ICOMOS: Princípios Para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Patrimônio Arquitetônico*. 2003. p. 5. Disponível em: <https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-do-icomos-2003_principios.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2024.

DANCKWARDT, Voltaire P. *O edifício teatral: resultado edificado da relação palco-platéia*. 2001. 245 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1831>. Acesso em: 27 jan. 2024.

FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. *Anais do Museu Paulista*, Nova Série, n. 1, p. 131-143, 1993.

FARIA, João Roberto. Um sólido panorama do teatro brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, v. 44, p. 342-346, 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/30101>. Acesso em: 17 set. 2020.

GONZÁLEZ-VARAS, Ignacio. *Conservación de bienes culturales: teoría, principios y normas*. Cátedra, 2006. p. 632.

HESSEL, Lothar. *O teatro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFGRS, 1999.

IBGE. Histórico de Cidades. Brasil, Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/historico>. Acesso em: 27 jan. 2024.

KOCH, Wilfried; REZENDE, Neide Luzia de. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. 2001.

LIMA, Evelyn. Arquitetura teatral no Brasil: da Colônia às formas contemporâneas. *Textos do Brasil*, Brasília, n. 16, p. 84-115, 10 maio 2010. Disponível em: <http://www.unirio.br/espacoteatral/arquivos/anexo/artigos/arquitetura-teatral-e-cidade>. Acesso em: 27 jan. 2024.

LIMA, Solange Ferraz de. *O trânsito dos ornatos: modelos ornamentais da Europa para o Brasil, seus usos (e abusos?)*. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 16, p. 151-199, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/anaismp/a/qXBS5PQhGYbVRYNGqCXWxHn/ Acesso em: 27 jan. 2024.

MARTINS, Bruno Soares; TAMANINI, Carlos Augusto de Melo. Teatro e suas tipologias. *Akrópolis - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR*, Umuarama, v. 13, n. 2, 2005. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/472/0>. Acesso em: 27 jan. 2024.

MENDES, Francisco R.; VERÍSSIMO, Francisco; BITTAR, William. *Arquitetura no Brasil – de D. João VI a Deodoro*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011. 180 p.

MONTEIRO, Antenor de Oliveira. Rebuscos - Coisas e Factos da Cidade: Theatro 7 de setembro. *Jornal O Tempo*, Rio Grande, 12 abr. 1939. Ano XXXIII, nº 101.

OLIVEIRA, L. F.; PAULITSCH, V. S. Entre os edifícios teatrais e o fazer cênico: um panorama histórico do teatro em Rio Grande/RS. 2020. 106 p. Monografia (Instituto de Letras e Artes) — Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2020. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/conteudo_digital/265fe911b2c6c74459a7a9e7f1587839.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2024.

_____. Entre os edifícios teatrais e o fazer cênico: um panorama histórico do teatro em Rio Grande/RS. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 160, p. 183-205, jul. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/viewFile/111533/63817>. Acesso em: 27 jan. 2024.

PEREIRA, José Ramón Alonso. *Introdução à história da arquitetura: das origens ao século XXI*. Porto Alegre: Bookman Editora, 2010.

RODRIGUES, José Wasth. *Documentário arquitetônico*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990. 326 p.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Recebido em: 07/09/2024

Aceito em: 14/04/2025